

NETO, Arlindo. "Resenha: CAMPOS, Roberta Bivar C. Quando a tristeza é bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus (Juazeiro do Norte- CE)". *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 13, n. 38, pp. 251-253, Agosto de 2014. ISSN 1676-8965

RESENHA

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

CAMPOS, Roberta Bivar C. *Quando a tristeza é bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus (Juazeiro do Norte- CE)*. Recife, Ed. Universitária da UFPE, (2013), 187 p.

Roberta Bivar C. Campos é uma antropóloga brasileira, com mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em Antropologia Social pela University of St. Andrews. Foi aluna e influenciada pelos antropólogos Roberto Motta e Joanna Overing. Também realizou trabalho de campo entre os *Ave de Jesus*¹, no Ceará, e tem a antropologia da religião, das emoções, da família, do corpo e gênero como principais interesses acadêmicos.

O livro é consequência de sua tese de doutorado defendida em 2001. Roberta Campos, com uma linguagem simples, mas objetiva e refinada conceitualmente, realizou uma etnografia digna de um autor clássico. Utiliza em sua narrativa uma suavidade poética que potencializa suas reflexões e demonstra que o trabalho e a escrita antropológica possuem ricas possibilidades.

Roberta Campos organiza o livro em cinco capítulos. Na introdução, a autora faz um breve histórico sobre a penitência e os Ave de Jesus. E cita nomes clássicos como o do padre Ibiapina, o beato Zé Lourenço e Antônio Conselheiro. Além disso, justifica sua escolha pelos Ave de Jesus. Já que ressalta no grupo a presença de um ethos religioso que permaneceu desde os tempos dos beatos da época do padre Cícero. Ainda, observa a autora, que sua escolha ultrapassa as fronteiras de uma religiosidade local. E durante os capítulos

que procedem à introdução, Roberta Campos faz uma análise interpretativa, explorando a *performance* do grupo estudado, as utilizações da *cultura bíblica*², e a constituição dos modos de agir, observando, ainda, os usos dos corpos, dos objetos, da estética, e das emoções que vivem os Ave de Jesus.

No primeiro capítulo, "Como tudo começou", a autora descreve a vida do grupo Ave de Jesus, que na época de sua pesquisa contavam com o número de vinte e dois integrantes. Uma vestimenta particular, a mendicância como modo de sobreviver, proibição do uso de álcool, sexo, fumo e banho eram traços fortes do grupo. Ainda, sendo vetada o nascimento de crianças entre os penitentes, apenas se dando a adesão de um novo membro ao grupo pela conversão. Com essas observações, Roberta Campos sentiu uma das primeiras dificuldades: a adequação entre teoria e dados. Uma vez que, segundo a autora, os Ave de Jesus não condiziam com os modelos teóricos que abordavam os movimentos messiânicos como estratégia de reprodução do grupo social.

A partir dessa observação, a autora começa a trilhar seus próprios caminhos de interpretação. Principia, portanto, a entender como se dá a produção simbólica do mundo construída por esse grupo de

¹Também conhecidos como os Penitentes do Braço Sagrado do Coração de Jesus, do sertão do Ceará.

²Conceito posto por Otávio Velho, (1995), "Epistrophê: Do duplo vínculo às antinomias e de volta". *Rever*, set-abril, p. 123-144.

penitentes, e como eles lidam com os mitos, personagens e história da bíblia, ou seja, com a *cultura bíblica*. E é essa tal linguagem que interessa a Campos: “A transformação de imagens bíblicas em representações concretas e o seu reverso, a subjetivação da natureza e a transformação de elementos da paisagem em ícones e emblemas sagrados” (p.56). Através dessas imagens é possível identificar as categorias de pensamento que possibilitam a construção da realidade. Isso é bem descrito e demonstrado por Campos nos diálogos descritos com mestre José, líder dos Ave de Jesus. Portanto, foram os diálogos com mestre José que alertaram a autora para a lógica interna do fatos relatados, mesmo que, vistos por outra lógica, soassem como falas absurdas. Temas como a criação do mundo e o fim dos tempos bordaram os diálogos entre a autora e o líder dos Ave de Jesus.

Essas particularidades mostram, segundo Roberta Campos, que “a verdade é [...] construída na ambivalência, que não opõe, mas concilia evidências objetivas, o belo e o sagrado” (p.62). Para tal análise, a autora não deixa, evidentemente, de citar a conferência publicada de Claude Lévi-Strauss, *Mito e Significado*. E arrebatou o capítulo ao demonstrar que a fala do mestre José é repleta de esperança que se “materializa” pelas imagens bíblicas, expressas pela linguagem, dando assim, uma significância à realidade.

Seguindo em sua análise, Campos no capítulo II, “Carisma e exemplaridade entre os Ave de Jesus: muito além da dominação”, desenvolve a sua argumentação de modo um tanto interessante. Ao invés de munir-se da abordagem clássica do carisma como dominação, a autora, utilizando os diálogos com mestre José, desloca o conceito de “carisma clássico” para o campo da “confiança”. Uma vez que o carisma é observado como um mediador fundamental para constituição do estilo de vida desse grupo. Além disso, Campos chama a atenção para o aspecto pedagógico do

carisma e, ainda, defende que além de ser coletivo, ele é comum aos membros do grupo. De modo claro, “não apenas o líder é portador de carisma, mas toda a comunidade de crentes pode ser portadora do carisma, e que, portanto, os fiéis e seguidores também querem o carisma para si” (p.77). Assim com base em seu trabalho de campo, para a autora, o carisma é mais que dominação ou liderança, o carisma também compõe a sociabilidade.

Dessa maneira intensa de observar os Ave de Jesus, no capítulo III, “Dominando palavras, dominando o mundo: ou, será que Mestre José está fadado ao mesmo destino de Dom Quixote?”, Roberta Campos apresenta uma dimensão mais suave e poética. A partir do mestre José, a autora analisa como a fé é vivida, praticada e simbolizada nesse contexto. Ainda, como veem a si e se veem no mundo. Posso dizer que, nesse capítulo, Campos descreve, não inconscientemente, o(s) momento(s) em que iniciou a perceber mestre José como sujeito que pratica, que vive e que pensa sobre si. Assim, durante as entrevistas com mestre José, a autora observa exatamente a existência de uma negociação nas respostas, “certamente ao jogar com palavras, elaborava metáforas e tentava, assim, negociar significados” (p.100). Mestre José não respondia apenas às questões, mas esforçava-se para dialogar. E a consonância de mestre José com Dom Quixote deriva exatamente daí. Mas tenho certeza que além de compreendê-los cognitivamente, Campos sentiu e experimentou os diálogos de negociação/acordo de significados. E ao lembrá-los deve ressoar em seus ouvidos a indagação feita de surpresa pelo mestre José: “o que é que a senhora acha?”.

Posteriormente, no capítulo IV, “Sofrimento e sacralização do espaço: a produção de uma tradição”, Roberta Campos destaca sua preocupação: entender a prática da penitência como um modo de vida. Consequentemente, como uma manifestação cultural. E é nesse capítulo,

252

que a autora retoma o conceito de *cultura bíblica*, de Otávio Velho. Ainda, analisa como o ethos de misericórdia converte-se em identidade de um lugar, no caso, aqui, do Juazeiro do Norte. Pois, como afirmou Campos, “a importância dos sentimentos morais e das emoções é central para se compreender a forma de vida desses penitentes. Sentimentos que são dramatizados e exibidos por muitos romeiros e penitentes em Juazeiro” (p.122). Mas, sem cair no pecado do essencialismo, Roberta Campos adverte que seu enfoque teórico-metodológico não está em encontrar na estrutura social as causas e mecanismos da sociabilidade e, que levar em consideração ethos e motivações subjetivas é um grande ganho para a pesquisa. Para tal, a autora cita antropólogos como Gregory Bateson (2008) e Stanley Tambiah (1979) que comungam argumentos em relação a essa perspectiva. E assim, Campos, utiliza-se de categorias nativas como misericórdia, caridade e compaixão para demonstrar que esses conceitos se realizam na prática dos indivíduos, indo além do discurso apenas.

Seguindo essa perspectiva, no capítulo V, “Tempo de Romaria: milagre e tradição cultural, temporalidades em coexistência”, a autora discute sobre a (de)secularização na filosofia e nas ciências sociais. Primeiramente, Campos apresenta o diálogo entre dois autores, Luc Ferry (2008) e Marcel Gauchet (1997). E

articulando encontros e desencontros entre ambos, demonstra que as fronteiras entre campos estão cada vez mais fluídas e exigem cada vez mais um pesquisador treinado e familiarizado com a literatura produzida sobre o tema que esteja abordando. De fato, Roberta Campos é feliz em sua análise, uma vez que se permite observar o que antes não era visto. Ato que revela um riquíssimo material, os casos e as falas dos membros do grupo Ave de Jesus. Assim, é possível uma interpretação sobre a religiosidade de Juazeiro.

Arlindo Neto

Referências Bibliográficas

BATESON, G. *Naven*. São Paulo: Edusp, 2008.

FERRY, L; GAUCHET, M. *Depois da Religião: o que ser´do homem depois que a religião deixar de ditar a lei?*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008. ²⁵³

GAUCHET, M. *The Disenchantment of the World: a political history of religion*, Princeton: Princeton University Press, 1997.

TAMBIAH, S. “The Form and Meaning of Magic Acts: a point of view”. IN LESSA, W. A.; VOGT, E. Z. *Reader in Comparative Religion*. New York: Harper Collins Publishers, p. 352-361, 1979.